

Discutindo a Geografia Crítica na Prática de Ensino

DISCUSSING CRITICAL GEOGRAPHY IN TEACHING PRACTICE

Maria Francineila Pinheiro dos Santos ⁽¹⁾

Mariana Guedes Raggi ⁽²⁾

⁽¹⁾ *Doutora em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Pós Doutora pela Universidade de Valência/Espanha. Professora do Programa de Pós Graduação em Geografia - PPGG/UFAL e Professora Colaboradora do Programa de Pós Graduação em Geografia - PPGGEO/UFPI. Professora Adjunta do Curso de Geografia Licenciatura da UFAL. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica - GPEG/UFAL. Coordenadora do Laboratório de Educação Geográfica do Estado de Alagoas - LEGAL/UFAL.*

E-mail: francineilalap@gmail.com

⁽²⁾ *Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e Professora de Metodologia de Ensino da Geografia no Centro de Educação da UFAL. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica – GPEG. Coordenadora do Núcleo de Educação Ambiental/UFAL.*

E-mail: mariana.raggi@cedu.ufal.br

Resumo

Estabelecer reflexões acerca da Geografia Crítica no estágio supervisionado é o objetivo central desse texto. Diante disso, o caminho a percorrer neste estudo vai na seguinte direção: investigar como os discentes do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas discutem-na e/ou percebem-na ao longo do estágio no ambiente escolar. Sabe-se que o estágio supervisionado objetiva possibilitar um aprendizado imperativo para que os licenciandos possam refletir acerca da docência, teorizando sobre o seu objeto de estudo e experienciando o ensino na perspectiva da realidade que vivenciará na condição de docente. Mas, efetivamente, isto não vem ocorrendo de modo satisfatório, tendo em vista os inúmeros problemas e/ou desafios vivenciados, nos cursos de licenciatura em todo o país, os quais, por vezes, tem inviabilizado a concretização de ações que coadunam com a formação docente de qualidade. Sendo assim, reflexionar sobre como vem sendo discutida e/ou não a Geografia Crítica no âmbito do estágio supervisionado, oportuniza o entendimento de demais questões, que podem estar, diretamente e/ou indiretamente, associadas aos percalços encontrados no ambiente escolar.

Palavras-chave

Estágio Supervisionado; Geografia Crítica; Licenciatura.

Abstract

Establishing reflections on Critical Geography in the supervised internship is the central goal of this paper. Therefore, the followed path in this study goes in the following direction: to investigate how the students of Degree in Geography course at the Federal University of Alagoas perceive and/or discuss it during the internship in the school environment. It is known that the supervised internship aims to enable an imperative learning so that the undergraduate students can reflect on teaching, theorizing about their object of study and experiencing teaching in the perspective of the reality they will experience as a teacher. But, indeed, this has not been happening satisfactorily, in view of the numerous problems and/or challenges experienced in the course of it, in degree courses all over the country, which at times has prevented the implementation of consistent actions of qualified teacher training. Therefore, reflecting on how Critical Geography has been discussed or not within the scope of supervised internship provides an opportunity to understand other issues, which may be directly and/or indirectly associated with problems found in the school environment.

Keywords:

Supervised internship; Critical Geography; Degree Course.

Iniciando o Diálogo

A importância de se pensar a centralidade do estágio supervisionado dentre outras questões, perpassa pela premissa de que este representa uma parte essencial e substancial do currículo na formação inicial docente, tendo em vista a carga horária total de 400 horas conforme a Resolução CNE/CP 001/2002.

Este estudo problematiza a presença da concepção teórica metodológica da Geografia Crítica ao longo da experiência vivenciada no estágio supervisionado, analisando as potencialidades de uma formação cidadã entre os futuros docentes do curso de Geografia Licenciatura da UFAL.

Para isso, é preciso compreender o papel do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, o modo como os licenciandos atuam nele, e qual o entendimento destes sujeitos quanto a importância e/ou não da Geografia Crítica na prática docente?

Este texto está consubstanciado na pesquisa qualitativa exploratória, o qual conta com aportes teóricos de estudiosos no assunto, a saber: Cavalcanti (2008), Lacoste (2006), Martins (2014), Pimenta (2010), e Santos (2012, 2018). Como procedimentos metodológicos foram realizadas leituras bibliográficas, aplicação de questionários com questões abertas com um total de 23 estagiários do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, elaboração de quadros e análises dos achados da pesquisa.

A pesquisa empírica foi realizada com dois grupos de discentes: o primeiro com 13 licenciandos do estágio 1 e 2, que dentre outras atividades, observam as aulas de Geografia ministradas pelos professores da escola no Ensino Fundamental 2, e no Ensino Médio, respectivamente. O segundo contendo 10 licenciandos do estágio 3 e 4, os quais ministram as aulas de Geografia (regência) em turmas do Ensino Fundamental 2 e do Ensino Médio, respectivamente.

Assim, foram apontadas várias indagações direcionadas aos licenciandos do estágio 1 e 2, que compreendem: nas aulas observadas durante o estágio supervisionado 1 e 2, com qual frequência a abordagem da Geografia Crítica encontra-se presente? No decorrer das aulas ministradas pelos professores das escolas, vocês consideram que as atividades desenvolvidas promovem a reflexão crítica dos estudantes? Os professores das escolas utilizam referências do cotidiano para exemplificar os conteúdos de Geografia trabalhadas em sala de aula? Vocês consideram que isso promove a criticidade dos estudantes? Em sua opinião, as aulas observadas nas escolas durante o estágio supervisionado 1 e 2, tem contribuído para a compreensão crítica

da sociedade? Na sua opinião, existem dificuldades que impossibilitam os professores da escola de desenvolver a Geografia Crítica no ambiente escolar?

Quanto aos licenciandos do estágio 3 e 4, questionamos: as estratégias de ensino e os recursos didáticos utilizados por vocês em sala de aula favorecem o pensamento crítico-reflexivo dos alunos? Vocês utilizam referências do cotidiano para exemplificar os conteúdos de Geografia trabalhados em sala de aula? Vocês consideram que isso promove a criticidade dos alunos? Em sua opinião, as aulas desenvolvidas no estágio supervisionado têm contribuído para a compreensão crítica da sociedade? Na sua opinião, existem dificuldades que impossibilitam vocês de desenvolver a Geografia Crítica nas aulas ao longo do estágio supervisionado?

E por fim, indagamos os licenciandos dos estágios supervisionados 1, 2, 3 e 4, se na opinião deles, a Geografia Crítica contribui na construção do estudante enquanto cidadão.

Assim, este texto, intenciona, além da discussão teórica, a investigação sobre as concepções dos licenciandos dos estágios supervisionados 1, 2, 3 e 4 acerca da Geografia Crítica na escola voltada para a construção de professores e estudantes críticos, criativos e sujeitos conscientes dos seus direitos e deveres perante a sociedade.

O Estágio Supervisionado em Geografia

A formação inicial docente no Brasil passou por uma reestruturação decorrente de algumas diretrizes e/ou resoluções, dentre elas, destacam-se o Parecer CNE/CP 009/2001 e a Resolução CNE/CP 001/2002, que dispõem dos princípios que orientam a organização e estruturação dos cursos de licenciatura de graduação plena, apontando as competências e conhecimentos necessários para o desenvolvimento profissional, a organização institucional da formação de professores e as diretrizes para a estruturação da matriz curricular.

Estes dois documentos foram fundamentais para um processo autônomo e de identidade própria para a formação de professores, pois possibilitou que os cursos de licenciatura ganhassem projeto específico e currículo próprio.

A formação inicial docente deve “incorporar referenciais no campo das dimensões econômicas, sociais e culturais, com uma visão de mundo que incorpore o lugar onde vivem os alunos e docentes, as singularidades e os conflitos de valores” (CASTELLAR, 2010, p. 40). Desse modo, devemos estar atentos à realidade dos nossos estudantes e aos valores culturais e sociais no qual estes se encontram imersos, na tentativa de que, a partir do seu cotidiano, possam realizar suas leituras de mundo.

Nesta perspectiva, a formação inicial docente em Geografia deve estar pautada no intuito de “articular teoria e prática, formando o professor-pesquisador e possibilitando o estágio como *locus* da práxis docente” (SANTOS, 2012, p. 55). Pois, apesar da teoria e da prática serem de naturezas distintas, ambas se interpenetram. E neste contexto, se faz necessário que o professor tenha o domínio dos aportes teóricos, os quais são essenciais para subsidiar sua prática docente.

Pimenta e Lima (2010, p. 34) apontam que “o conceito de *práxis* leva a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade”. Partindo desta concepção o desenvolvimento do estágio supervisionado como uma atividade investigativa, envolve reflexão e viabiliza a *práxis* docente consubstanciada numa formação articulada com diferentes posturas educacionais, porém com uma mesma finalidade: a formação docente qualitativa que objetiva aos diversos saberes contemporâneos.

Nesta discussão, Santos (2018, p. 84) salienta que o “Estágio Supervisionado representa momento essencial da formação inicial docente, na medida em que possibilita a articulação teoria-prática, o fortalecimento da identidade docente e a reflexão acerca da docência”. Continuando a discussão sobre o que consiste o estágio, Cavalcanti (2008, p.93) destaca o mesmo como um “[...] momento teórico-prático de realizar intervenções criativas, ou pesquisas, a partir de situações-problema, num trabalho mais colaborativo entre equipes formadas por professores formadores de licenciaturas, professores de educação básica e estagiários”. Sendo assim, o estágio supervisionado configura-se enquanto momento propício para a articulação entre as teorias desenvolvidas na universidade e as práticas educativas realizadas no ambiente escolar, fazendo com que os futuros professores de Geografia percebam a importância destas na profissão e, futuramente na sua *práxis* docente.

Vale salientar que o estágio supervisionado é uma atividade obrigatória, o qual deve ser realizado em escolas de Educação Básica, preferencialmente em escola pública. Segundo o Parecer CNE/CP 009/2001, o estágio é visto como um momento de formação docente, seja pelo exercício direto *in loco*, seja pela presença participativa em ambientes próprios de atividades daquela área profissional, sob a responsabilidade de um docente já habilitado.

A obrigatoriedade do estágio, e sua regulamentação, aponta avanços não somente no aumento da carga horária, atualmente de 400 horas, mas também no fato dos estágios supervisionados ocorrerem a partir do início da segunda metade do curso, possibilitando ao estudante vivenciar a prática, não a deixando somente para o final do curso, como era anteriormente no modelo conhecido como 3+1.

Para a realização dos estágios supervisionados nas escolas, conforme o Parecer CNE/CP 009/2001: “é preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado pela universidade e escolas, com objetivos e tarefas claras, na qual as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente” (BRASIL, 2001, p.58). Neste âmbito, o estágio deve se constituir em um momento de preparação para o estudante, no qual é imprescindível a integração entre professores orientadores e tutores no intuito de promover a qualificação profissional dos futuros docentes.

No caso específico do curso de Geografia Licenciatura da UFAL, o estágio supervisionado é dividido em quatro etapas, a saber: estágio 1, 2, 3 e 4, cada um com duração de 100 horas, sendo de responsabilidade do professor orientador o encaminhamento e acompanhamento efetivo das atividades desenvolvidas pelos estagiários.

No que se refere ao encaminhamento, este deve fazer o levantamento das escolas e horários referentes as aulas de Geografia existentes nas instituições de ensino selecionadas, manter contato com a escola que irá receber o estagiário, e encaminhá-lo através de documentação padrão elaborada pela Coordenação de Estágio. Em relação ao acompanhamento, o professor orientador deverá realizar visitas periódicas ao ambiente escolar; organizar as fichas de frequência preenchidas pelo professor supervisor da escola; receber os relatos de vivência dos licenciandos (estágio 1 e 2); receber os planejamentos de aula dos estagiários (estágio 3 e 4), os quais devem ser entregues uma semana antes de cada aula ministrada; e, por fim, receber os relatórios de conclusão de estágio a serem entregues ao final de cada semestre letivo.

No que diz respeito ao professor supervisor da escola, este deve acompanhar os estagiários na escola, tanto nas observações das aulas (estágios 1 e 2) quanto no período de regência (estágios 3 e 4) assistindo as aulas dos estagiários, auxiliando-os na melhoria delas, e na busca de soluções para eventuais dificuldades. Devem também, preencher as frequências e as fichas de avaliação a serem entregues no final do período do estágio.

A avaliação final dos estagiários consiste na parceria entre os professores das duas instituições envolvidas, nela deve ser considerada a ficha de avaliação preenchida pelo professor supervisor da escola, na nota final do licenciando computada pelo professor orientador da universidade.

Diante desta breve discussão acerca da formação inicial docente, do estágio supervisionado, e especificamente da estrutura do mesmo no curso de Geografia Licenciatura da UFAL, partiremos a seguir para os achados da pesquisa, por meio dos diálogos com os licenciandos dos estágios 1, 2, 3 e 4 do supracitado curso.

As Concepções dos estagiários sobre a Geografia Crítica

Dialogar com os licenciandos do Curso de Geografia sobre a presença da concepção teórica metodológica da Geografia Crítica ao longo da experiência dos estágios supervisionados é de extrema relevância, pois propicia um “despertar” nos licenciandos para questões que permeiam a profissão docente.

A concepção teórica metodológica da Geografia Crítica inaugura, nos Estados Unidos e na França, ao longo da década de 1960, um novo discurso na trajetória de se pensar e de se ensinar Geografia na Escola Básica. Esse discurso surge no Brasil no final da década de 1970 e revela grande repercussão nas práticas dos docentes de Geografia.

A Escola Básica, até esse momento, apresentava uma disciplina de Geografia inspirada na influência de uma Geografia Tradicional promovida na Alemanha e na França. Apesar da sua origem está relacionada diretamente a um contexto político vivenciado pela Alemanha no processo de consolidação de seu Estado, pode-se afirmar que historicamente a disciplina se consolida como descritiva, mnemônica, omitindo seu forte viés ideológico. “Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória” (LACOSTE, 2006, p. 21).

O compromisso da Geografia era, sem dúvida, desvendar aos representantes do poder conhecimento espacial a fim de facilitar as conquistas e o controle territorial. Porém, a escola desenvolve em seus espaços uma disciplina atrelada a práticas pedagógicas desconectadas da política e das estratégias territoriais de poder, legitimando apenas um campo do saber comprometido com as feições e características naturais dos espaços. Nesse sentido, o alcance da disciplina se revela limitado a práticas despolitizadas e descomprometidas com as problemáticas socioespaciais presentes nos espaços cotidianos e por esse motivo desinteressantes, e muitas vezes inexpressivas ao corpo discente que não a percebe como parte da sua vida cidadina.

O resultado desse distanciamento do viés político presente no saber geográfico promove entre estudantes da escola básica uma aversão ao conhecimento geográfico, pois não o reconhece como saber estratégico fundamental as suas práticas cotidianas.

Assim, pode-se afirmar que a influência francesa e alemã que adentra os espaços escolares pauta uma das dicotomias mais graves no campo do saber geográfico que é a fragmentação entre sociedade e natureza. Essa herança promove discussões superficiais sobre as problemáticas espaciais presentes na realidade contemporânea, comprometendo a formação de estudantes cidadãos, conscientes de seu papel político na produção de um espaço de direitos.

Entretanto, uma nova conjuntura inaugurada após a 2ª Guerra Mundial produziu realidades e transformações socioespaciais que demandaram outras análises e reflexões. Os métodos e as teorias da Geografia tradicional se tornaram insuficientes para interpretar e compreender o cenário contemporâneo que se descortinava. Era preciso ampliar e ressignificar as análises espaciais e problematizar as relações estabelecidas entre sociedade e natureza.

Os métodos e as teorias da geografia tradicional, baseados em levantamento empíricos e estudos descritivos, tornaram-se insuficientes para dar conta de uma nova perspectiva de ensino. Essa nova conjuntura conduziu a uma reformulação dos pressupostos teórico-metodológicos do ensino da geografia com o objetivo de levar os professores a superar metodologias que se centram na transmissão mecânica dos conteúdos, com a memorização de inúmeras informações, o que não contribui para levar os alunos a uma compreensão das relações estabelecidas num contexto histórico, social e espacial dos fenômenos geográficos (MARTINS, 2014, p. 65).

Nesse cenário, a Geografia assume novos olhares em relação a realidade, promovendo análises e interpretações mais críticas do contexto socioespacial, superando as tradicionais descrições da superfície terrestre, bem como a despolitização presente na sua retórica acadêmica. Essas modificações promoveram uma forma de se pensar e de se praticar a Geografia, a partir de uma metodologia inovadora de pensar os espaços, ou seja, um novo raciocínio espacial.

Sim, um raciocínio espacial, geográfico, que conecte as escalas do local, do regional e do global. Um pensar geográfico que relacione as escalas dos fenômenos a partir da realidade cotidiana de nossos estudantes, privilegiando os acontecimentos de seus lugares na tentativa de construir leituras interpretativas de uma totalidade mundo em movimento.

Estágio Supervisionado, aproximações e distanciamentos de um fazer geográfico crítico

Investigar o papel da abordagem da Geografia Crítica nas aulas vivenciadas pelos discentes do curso de Licenciatura Geografia da UFAL, nos estágios supervisionados 1, 2, 3 e 4 é, sem dúvida, o objetivo desse artigo. A presença do fazer geográfico, revelado pelos estagiários, pautado numa interpretação crítica do espaço conduzirá a análise.

A partir dos questionários respondidos pelos 13 (treze) licenciandos do estágio supervisionado 1 e 2, pode-se perceber que apenas 1 (um) estagiário afirmou que sempre o professor(a) discute a Geografia Crítica nas aulas observadas, e 4 (quatro) ressaltaram que ocorre na maioria das aulas. Entretanto, 5 (cinco) mencionaram que às vezes percebem essa discussão crítica nas aulas observadas e 3 (três) destacaram que essa abordagem nunca foi

DOSSIÊ: “Por uma Geografia Escolar Crítica”

discutida em sala de aula. As justificativas trazidas pelos estagiários podem ser destacadas no quadro 01.

Quadro 01: Nas aulas observadas durante o estágio supervisionado 1 e 2, com qual frequência a abordagem da Geografia Crítica encontra-se presente?

No Estágio 2 o professor trabalhou fortemente a Geografia crítica.
Foram frequentes a discussão da Geografia crítica no ensino médio por conta de conceitos trabalhados.
No estágio 2, o professor da escola é bem conscientizado e domina os assuntos trazendo a Geografia crítica para sala de aula.
Os professores do estágio 1 realizavam aulas com reflexões críticas sobre o assunto abordado.
A abordagem da Geografia crítica esteve presente no estágio 2, principalmente nas aulas sobre capitalismo, socialismo e guerra fria.
A abordagem da Geografia crítica ocorreu algumas vezes no Estágio 2.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

A presença de uma abordagem crítica nas aulas de Geografia no Ensino Médio é relevante entre os estagiários questionados. Essa constatação pode ser interpretada a partir de algumas hipóteses. As temáticas geográficas no Ensino Médio aproximam muito de uma discussão socioeconômica enfatizando problemáticas globais. Entretanto, os conteúdos do Ensino Fundamental 2 ainda estão muitas vezes atrelados a uma interpretação fragmentada entre sociedade e natureza, priorizando relatos descritivos da superfície terrestre.

Esse procedimento ainda presente nas aulas de Geografia no Ensino Fundamental 2, deve ser repensado e problematizado, pois é nesta etapa de ensino que os professores de Geografia deveriam buscar promover e potencializar, entre os estudantes da Escola Básica, um raciocínio geográfico, espacial, capaz de pensar e interpretar os fenômenos espaciais a partir de eventos e acontecimentos cotidianos. Essa possibilidade de abordagem deve ser trazida desde os primeiros anos da criança na escola, a partir de representações de suas experiências diárias. A construção das representações espaciais ampliam as possibilidades de leitura de uma totalidade mundo em permanente transformação.

No que diz respeito as aulas ministradas pelos professores das escolas, os estagiários salientam sua opinião acerca das implicações das atividades desenvolvidas na promoção da reflexão crítica dos alunos (quadro 02).

Quadro 02: No decorrer das aulas ministradas pelos professores das escolas, você considera que as atividades desenvolvidas promovem a reflexão crítica dos alunos?

Os alunos no estágio 1 sempre eram estimulados com exemplos do cotidiano, e atividades que despertava o interesse dos mesmos a participar efetivamente das aulas.
Os professores sempre abordavam exemplos do cotidiano, o que despertava o interesse e o poder de criticidade dos alunos.
No Estágio 2, o professor trabalhou o conteúdo globalização, e incentivou os alunos a discutirem problemas da atualidade.
Os professores realizam muitos questionamentos em suas aulas e atividades com questões que instigam os alunos a refletir sobre o tema/assunto estudado.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

A partir dos relatos das implicações que as atividades fundamentadas criticamente em sala de aula promovem entre os estudantes da Escola Básica, revela que os estagiários pesquisados compreendem a importância que a escala do cotidiano apresenta ao longo do desenvolvimento de uma análise crítica dos espaços na contemporaneidade.

Essa leitura é reiterada ao depararmos com os exemplos trazidos por esses licenciandos de Geografia quando solicitados a comentar sobre a relação entre os conteúdos geográficos observados durante o estágio e o cotidiano dos alunos. A presença da realidade da cidade de Maceió, espacialidade onde localiza-se a escola, assim como dos bairros dos estudantes revela uma preocupação dos docentes em contextualizar e conectar os conteúdos abordados na aula de Geografia com as experiências cotidianas. Esse procedimento revela uma concepção teórica metodológica responsável por potencializar estudantes atuantes e críticos da realidade que vive. Essas contribuições estão no quadro 03.

Quadro 03: Os professores da escola utilizam exemplos do cotidiano para exemplificar os conteúdos de Geografia trabalhados em sala de aula? Você considera que isso promove a criticidade dos alunos?

No estágio 2 havia exemplos do cotidiano ao abordar conteúdos geográficos, no qual os alunos participavam, e interagiam em sala. A partir daí, eu acredito que como conhecedores, principalmente dos problemas sociais, eles têm a possibilidade de serem sujeitos críticos e agentes transformadores da sociedade.
No estágio 2, o professor sempre dá exemplos, principalmente sobre Maceió. Acho que promove a criticidade sim. Trazendo os conteúdos e intercalando-os com a realidade do aluno, eles podem compreender melhor e daí a Geografia faz sentido para eles.
No estágio 1, o professor utilizava exemplos do cotidiano, dando exemplos dos bairros que eles moravam, auxiliando o aluno no entendimento do conteúdo, possibilitando relacionar o conteúdo com a sua realidade. E daí tornando os alunos um pouco críticos.
Em ambos os estágios os professores trabalharam bastante com exemplos do cotidiano do aluno para que eles entendam a realidade do mundo.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

DOSSIÊ: “Por uma Geografia Escolar Crítica”

A Geografia Crítica iluminou, como já foi revelado, entre várias questões, a importância de se trabalhar a partir das experiências vivenciadas a fim de promover o desenvolvimento de um novo raciocínio espacial capaz de conectar as escalas do local, do regional e do global. O lugar como dimensão espacial do vivido deve ser conectado com outras escalas espaciais a fim de desenvolver a interpretação de que o que vivemos no local muitas vezes é produzido em outras espacialidades, outros lugares.

Quanto as aulas observadas durante o estágio supervisionado 1 e 2, e a contribuição destas para a compreensão crítica da sociedade pelos alunos, os estagiários explicitaram suas opiniões no quadro 04.

Quadro 04: Em sua opinião, as aulas observadas nas escolas durante o Estágio Supervisionado 1 e 2, tem contribuído para a compreensão crítica da sociedade?

Apenas no Estágio 2, as aulas sobre globalização, o professor abordou situações econômicas e sociais que levam a criticidade.
Devido ao professor não diversificar a aula trazendo reportagens ou questões problemas para os alunos eles não tem tido uma compreensão crítica.
Sim, principalmente através dos problemas políticos, visando uma compreensão crítica por parte dos alunos.
Os alunos a partir de suas aulas reflexivas a que presenciei, realizaram questionamentos de problemas socioeconômicos. As perguntas dos alunos revelam o despertar do senso crítico que inegavelmente auxilia a compreensão crítica da sociedade.
Os professores abordaram situações sociais e ambientais com os alunos pedindo as opiniões deles e a partir das suas vivências.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

A ocorrência de professores com uma visão crítica revela que a trajetória ainda não está concluída. Ou seja, relacionar questões naturais com problemáticas socioespaciais é, como vimos nas respostas dos estagiários, uma das dificuldades a ser enfrentada. Neste contexto, faz-se necessário o entendimento e a discussão em sala de aula sobre as raízes da realidade desigual da sociedade brasileira, e dos problemas vivenciados na atualidade.

Em relação as dificuldades que impossibilitam os professores da escola de desenvolver a Geografia Crítica nas aulas, os estagiários destacaram algumas no quadro 05.

As práticas tradicionais ainda fazem parte da realidade das escolas, e essa é uma dificuldade relevante que os professores devem assumir como desafio pedagógico a ser realizado. Ademais, a Geografia que se ensina, muitas vezes reproduz concepções de mundo e de sociedade nas quais estão imersas as escolas e alguns destes profissionais, os quais, por diversas razões, estão atrelados as lacunas da formação inicial ocorrida há bastante tempo e/ou a falta de formação continuada conectada com os aportes teóricos metodológicos voltados para a produção de conhecimento geográfico a serviço de práticas transformadoras.

DOSSIÊ: “Por uma Geografia Escolar Crítica”

No que se refere ao estágio supervisionado 3 e 4, destaca-se a participação de 10 licenciandos, que salientaram as estratégias de ensino e os recursos didáticos utilizados por eles em sala de aula (quadro 06).

Quadro 05: Na sua opinião, existem dificuldades que impossibilitam os professores da escola de desenvolver a Geografia Crítica nas aulas no ambiente escolar?

Dificuldade em trabalhar a Geografia Crítica está na falta de formação do professor para elaborar uma boa aula para desenvolver a Geografia Crítica na escola.
Ao que parece, muitos professores por desmotivação, por baixos salários ou até mesmo por falta de interesse, não desenvolvem a Geografia Crítica. Buscam apenas construir um ensino de maneira pragmática, mecânica que tem como objetivo seguir um cronograma escolar.
As vezes os recursos que as escolas possuem, e o tempo do professor não são suficientes para a realização de aulas baseadas na Geografia Crítica.
Alguns professores não sabem trabalhar a Geografia Crítica.
Muitos professores estão ligados a Geografia Tradicional, o que impõe barreiras para mudar sua metodologia rumo a Geografia Crítica, que envolve a participação do aluno, estando, portanto, resistentes a essa mudança.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

Quadro 06: As estratégias de ensino e os recursos didáticos utilizados por vocês em sala de aula favorecem o pensamento crítico-reflexivo dos alunos?

Utilizo mapa, músicas e filmes que possibilitam aproximar os conteúdos a realidade dos alunos, e desenvolver o senso crítico deles.
Levo imagens e vídeos nas aulas para despertar a curiosidade dos alunos, assim como abordo os problemas atuais e levanto questionamentos para eles.
Procuo fazer uma relação do conteúdo com a vivência do aluno, usando recursos como imagens e notícias da mídia para os alunos entenderem que eles são agentes ativos no espaço geográfico.
No estudo da paisagem, exemplifiquei sobre as ações do homem, sobre a natureza através de diversas imagens, levando-os a refletir sobre seu papel na construção de mundo, tanto no aspecto individual e coletivo, como sobre os seus direitos e deveres.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

A utilização de distintos recursos didáticos, a saber: mapa, músicas, filmes, imagens, vídeos, e reportagens nas aulas de Geografia, auxiliam no diálogo com os alunos, notadamente em face do mundo tecnológico, digital e midiático no qual estamos inseridos. Ademais, possibilita a mediação entre os conhecimentos prévios dos alunos e os conteúdos geográficos, viabilizando o processo de ensino aprendizagem.

Os licenciandos do estágio 3 e 4 destacam a utilização de exemplos do cotidiano em suas aulas para contextualizar os conteúdos de Geografia trabalhados, que alguns consideram promover a criticidade dos alunos (quadro 07).

DOSSIÊ: “Por uma Geografia Escolar Crítica”

Quadro 07: Você utiliza referências do cotidiano para exemplificar os conteúdos de Geografia trabalhadas em sala de aula? Você considera que isso promove a criticidade dos alunos?

Eu correlaciono o conteúdo com o cotidiano do aluno. Acredito ser indispensável para torná-los críticos, pois faz com que eles sejam capazes de refletir e opinar sobre a realidade em que vivem.
É fundamental aproximar os conteúdos discutidos em sala de aula com a realidade social dos alunos. Isso faz os alunos entenderem sobre o mundo em que vivem.
As relações com o cotidiano facilitam a aprendizagem, e possibilita que a partir desses exemplos, os alunos comecem a fazer questionamentos, formando a autonomia crítica. Assim, eles percebem que todos estão envolvidos e são responsáveis pela preservação do Planeta.
Trabalhar com exemplos próximos, faz os alunos se reconhecerem enquanto agentes transformadores do espaço geográfico, e faz com que pensem e reflitam suas práticas, formando alunos críticos.
Procuro contextualizar o assunto com a realidade dos alunos. Assim, eles perceberam que a responsabilidade não se restringe as pessoas de outras cidades, estados ou países.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

Considerar o cotidiano dos alunos é uma opção adotada pelos estagiários em suas aulas, os quais salientam a importância desta relação teoria (conteúdo geográfico) e prática (a realidade do aluno) no processo de ensino aprendizagem no intuito de estabelecer o diálogo com os alunos, tornar o aprendizado dos conceitos e conteúdos de Geografia mais atraentes, e por fim, dá início a construção de uma consciência crítica cidadã com os seus alunos.

Os licenciandos do estágio 3 e 4 salientam no quadro 08, se acreditam e/ou não que suas aulas têm contribuído para a compreensão crítica da sociedade.

Quadro 08: Em sua opinião, as aulas desenvolvidas no Estágio Supervisionado 3 e 4 têm contribuído para a compreensão crítica da sociedade?

As aulas sempre são trazidas para a realidade dos alunos, o que permite fazer compreensões sobre os problemas sociais existentes, e se posicionarem criticamente.
A relação do conteúdo com a realidade do aluno da escola favorece esta crítica, principalmente sobre os problemas sociais e ambientais.
Os alunos demonstram interesse quando se trabalha o cotidiano deles, daí discutimos muitas questões políticas e sociais, que os levam a refletir, e isso facilita o processo de ensino-aprendizagem.
A questão política e econômica já tive a chance de tratar, e despertou o interesse dos alunos, desenvolvendo o senso crítico deles.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2019

Os estagiários demonstraram que suas aulas tem possibilitado diálogos com os alunos baseados na criticidade, notadamente quando discutem os problemas sociais, políticos, econômicos e ambientais, relacionando-os com a realidade dos estudantes. Esta alternativa utilizada, denota um saber fazer docente partindo dos problemas espaciais, enquanto proposta metodológica para a construção da criticidade dos alunos nas aulas de Geografia.

DOSSIÊ: “Por uma Geografia Escolar Crítica”

Os licenciandos apresentaram no quadro 09 algumas dificuldades que lhes impossibilitaram de desenvolver a Geografia Crítica nas aulas no decorrer do estágio supervisionado 3 e 4.

Quadro 09: Na sua opinião, existiram dificuldades que impossibilitaram vocês de desenvolver a Geografia Crítica nas aulas no decorrer do estágio supervisionado?

Algumas vezes tem-se a recusa da própria turma em participar das discussões, não havendo abertura para um posicionamento mais crítico sobre o assunto.
As vezes o próprio sistema direciona uma forma ou modelo sequencial que impede a autonomia do professor, de trabalhar de modo mais fortemente a Geografia Crítica.
Existem situações que dificultam por conta de algumas limitações do próprio conteúdo, porém não chega a impossibilitar.
As vezes, estamos em uma escola, na qual a linha ideológica da mesma, impede de nós desenvolvermos um pensamento crítico a respeito de tal assunto com os alunos, notadamente quando envolve responsabilidade governamental (ocorre muito isso na rede estadual).
Há casos em que nos encontramos em uma situação, na qual não podemos instigar os alunos a lutarem por seus direitos intrínsecos à escola na qual estão inseridos.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

A precarização do trabalho docente, e a falta de autonomia dos professores, são percebidas de várias maneiras no contexto escolar, desde aqueles que devem “seguir e/ou corroborar” com a linha ideológica da escola, até aqueles que encontram-se engessados com a proposta teórica metodológica presente nas apostilas adotadas pela instituição. Este contexto se caracteriza cruel e conflituoso, o primeiro por inibir e/ou impossibilitar o professor de dialogar, construir conhecimentos e instigar os alunos a realizarem a leitura de mundo; e o segundo pelas angústias vivenciadas pelos professores de serem impedidos de fazer o seu papel de professor o conhecimento crítico e criativo na prática docente.

E por fim, destacam-se as opiniões dos licenciandos dos estágios supervisionados 1, 2, 3 e 4, sobre a contribuição da Geografia Crítica na construção dos alunos enquanto cidadãos (quadro 10).

Quadro 10: Na sua opinião, a Geografia Crítica contribui na construção do aluno enquanto cidadão?

Opinião dos licenciandos dos Estágios 1 e 2	Opinião dos licenciandos dos Estágios 3 e 4
O ensino da Geografia Crítica possibilita formar pessoas conscientes para que possam refletir e analisar o mundo ao seu redor.	Contribui, pois possibilita o aluno opinar sobre os problemas e a conjuntura social, e a política da sociedade.
A Geografia Crítica permite a construção do conhecimento que torna possível ao aluno entender a sociedade em que vive, perceber os problemas sociais e se posicionar como um cidadão crítico, produzindo uma ação e intervenção que possa culminar em mudanças reais deste mundo globalizado e capitalista.	A Geografia Crítica instiga o aluno a ser um agente ativo. Faz com que o aluno perceba o seu papel na sociedade, conscientizando-o sobre as questões social, política e econômica.

DOSSIÊ: “Por uma Geografia Escolar Crítica”

Possibilita a construção do aluno questionador, o que busca entender e compreender a realidade que ele se encontra e buscar soluções para mudá-la.	A Geografia Crítica faz com que o aluno reflita no que ele está fazendo para contribuir ou modificar a sociedade em que vive e/ou o espaço geográfico como um todo.
A Geografia Crítica auxilia o sujeito a exercer seu papel social a partir do momento que reflete sobre sua vivência e suas ações sobre o meio, e no desenvolvimento do senso crítico do aluno enquanto cidadão do mundo.	A Geografia Crítica mostra uma nova perspectiva de visão de mundo, de análise da realidade, levando o aluno a pensar, e com isso constrói um cidadão mais participativo.

Fonte: Pesquisa Direta, 2019

Elaboração: SANTOS, 2020

Ao afirmar a relevância da Geografia Crítica na construção do cidadão, os estagiários salientaram distintas opiniões justificando que esta deve se fazer presente nas aulas, de modo a ser considerada na organização da prática pedagógica das escolas. Há que se disputar, que as aulas de Geografia no ambiente escolar possam dialogar com os seus alunos as relações socioespaciais, preparando-os para atuarem na transformação da realidade da sociedade burguesa, a qual durante séculos vem coadunando com a situação de miséria e pobreza em que vivem a maioria dos brasileiros, que não se referem somente a economia, mas a política e a cultural, dentre outras.

Considerações Finais

Os posicionamentos dos licenciandos demonstraram que o estágio supervisionado é visto como uma oportunidade para que eles possam interagir com o conhecimento através de experiências concretas, buscando responder as demandas vivenciadas no ambiente escolar. Ao trilhar caminhos apropriados e em conformidade com as exigências postas ao docente na atualidade, o estágio contribui para que a universidade produza novos espaços de diálogo e convivência com a escola.

Sendo assim, acredita-se que através do estágio, os licenciandos conseguem experenciar práticas que levem à reflexão, a fim de promover os saberes geográficos relacionados com a vivência e o cotidiano dos alunos, com os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais; e que lhes possibilitem, enquanto futuros docentes, vislumbrar a prática pautada na criatividade e criticidade, buscando incentivar e auxiliar os estudantes na construção de conhecimentos pautados na cidadania.

Por isso, é imprescindível que os cursos de Geografia licenciatura promovam uma formação inicial docente pautada na articulação dos conhecimentos relacionados a vida, inseridos no contexto institucional e social vislumbrando a leitura de mundo e o seu papel frente a transformação da sociedade.

DOSSIÊ: “Por uma Geografia Escolar Crítica”

O compromisso de promover uma disciplina geográfica vinculada a compreensão crítica da sociedade é, sem dúvida, uma das tarefas mais importantes da Geografia Escolar na contemporaneidade.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. MEC. **Parecer CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002.** Institui a duração da carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

CASTELLAR, Sonia M. V. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, E. M. B. de; MORAES, L. B (Org) **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia.** Goiânia: NEPEG, 2010.

CAVALCANTI, Lana de S. Formação inicial e continuada em geografia: trabalho pedagógico, metodologias e (re)construção do conhecimento. In: ZANATTA, Beatriz A; SOUZA, Vanilton C. de (Orgs.). **Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino de Geografia.** Goiânia: Vieira/NEPEG, 2008.

LACOSTE, Yves. **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Campinas, SP: Papirus, 2006.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz W. A trajetória da geografia e o seu ensino no século XXI. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria. **O ensino de geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: Mediação, 2014.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria. S. L. **Estágio e docência.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Maria Francineila Pinheiro dos. **O Estágio enquanto espaço de Pesquisa: caminhos a percorrer na formação docente em Geografia.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012.

_____. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Universidade de Valência/Espanha: cotidianos, desafios e possibilidades. **Revista Casa da Geografia de Sobral**, Vol.20, n.2, p.82-93, Jul. 2018. ISSN 2316-8056.